

ser considerada, impropriamente, como 'clínica das populações' (Almeida-Filho, 1992).

A idéia de anomia está de acordo com o projeto durkheimiano de buscar as leis que regem as relações funcionais entre os diversos grupos sociais. Nesta análise dos fatos sociais, a aproximação com categorias biológicas se constituem em decorrência lógica. Em ambas, a noção de "função" permite articular e explicar a ação de fatores e/ou sistemas constituintes das sociedades como a resultante interativa deste conjunto (Ferrater, 1986).

Enfim, por mais acadêmica que pretenda manter a questão, ela problematiza aspectos cruciais relativos aos mistérios da condição (e da subjetividade) humana que possui: 1) a reflexividade para pensar-se em termos identitários e dispor da idéia de futuro; 2) a consciência desta espada de Dâmocles que paira sobre nossas cabeças – a morte como destino inexorável (a menos que a biologia molecular tire outras surpreendentes ovelhas de sua cartola...); 3) a possibilidade de a 'mão' que eventualmente venha a acionar tal arma ser a própria...

Ao finalizar, quero assinalar que o prof. Everardo Duarte Nunes nos trouxe um belo trabalho sobre uma das obras fundamentais de um dos autores seminais da sociologia, cuja temática permanece produzindo perplexidade. E, sem dúvida, assim o será, sempre.

- ALMEIDA-FILHO, N., 1992. *A Clínica e a Epidemiologia*. Rio de Janeiro: APCE/Abrasco.
- FERRATER M., J., 1986. *Diccionario de Filosofia*. Madrid: Alianza Editorial.
- HACKING, I., 1990. *The Taming of Chance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KOOPMAN, J. S. & LONGINI JR, I. M., 1994. The ecological effects of individual exposures and non-linear disease dynamics in populations. *American Journal of Public Health*, 84:836-842.
- SCHWARTZ, S., 1994. The fallacy of ecological fallacy: the potential misuse of a concept and the consequences. *American Journal of Public Health*, 84: 819-824.
- SUSSER, M. & WATSON, W., 1971. *Sociology in Medicine*. London: Oxford University Press.
- SUSSER, M., 1973. *Causal Thinking in the Health Sciences*. New York: Oxford University Press.
- SUSSER, M., 1994. The logic in the ecological I. The logic of analysis. *American Journal of Public Health*, 84:825-829.
- SUSSER, M., 1994. The logic in the ecological II. The logic of design. *American Journal of Public Health*, 84:830-835.

*Maria Cecília de Souza Minayo*

*Vice-Presidência de Ambiente, Comunicação e Informação, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil.*

A comunidade acadêmica das Ciências Sociais comemora, em 1997, os cem anos da clássica obra de Émile Durkheim, *O Suicídio*. Foi de fundamental importância que um dos mais proeminentes autores e referência nacional no campo da sociologia da saúde, o Professor Everardo Duarte Nunes, tenha nos brindado com uma reflexão sobre o tema, fazendo emergir um debate teórico que dispensa comentários pela sua relevância e pertinência. Pela iniciativa, a comunidade intelectual do campo da saúde fica devendo mais esse ato de generosidade a Everardo, ao mesmo tempo em que, com certeza, sentir-se-á mobilizada para aportar sua contribuição, porque é preciso dar seqüência à busca de respostas para as questões que motivaram o brilhantismo do autor. Sempre Durkheim foi valorizado pelos sociólogos sérios de todo o mundo, embora nem todos comuniquem com suas idéias positivistas. Mesmo esses são compelidos a discutir os pressupostos e as conclusões de seus estudos, sobretudo no que concerne às relações entre o indivíduo e a sociedade. O mesmo deve ser feito em relação a *O Suicídio*, porque se trata de uma aplicação exemplar de *As Regras do Método Sociológico*, obra prima do pensamento de Durkheim, no seu afã de provar aos cientistas das áreas *hard* que também a sociologia é e pode ser ciência.

O esforço realizado por Everardo foi de retomar a obra, *O Suicídio* e tornar públicas as controvérsias que ela desperta em vários autores. Neste sentido, não debatarei seu trabalho, e, sim, buscarei acrescentar argumentos à discussão, ora concordando, ora discordando, e tornando atuais as condições de compreensão do tema em pauta. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que a obra em questão tem sido um livro de referência para a compreensão das relações entre ciências sociais e epidemiologia, principalmente nas questões de método. Em segundo, vale ressaltar que o tema da *violência*, no interior do qual a auto-agressão se inclui, ocupa hoje, prioritariamente, a pauta da saúde coletiva, enquanto objeto de reflexão, ação preventiva e atenção médica.

Diferentemente dos países europeus e do Japão, o Brasil não apresenta altas taxas de suicídio no seu quadro de mortalidade. Esses eventos representam cerca de 4% do total das mortes pelas chamadas causas externas. No entanto, esse assunto mobiliza muito a sociedade, porque, em geral, pela nossa visão cristã ocidental, o suicídio é uma verdadeira afronta, um ato de rebelião contra o criador. Apesar do estranhamento que esse ato provoca em quase

todas as sociedades, trata-se de um fenômeno universal, registrado desde a alta Antigüidade e rememorado pelos mitos das sociedades primitivas. Segundo vários estudiosos, o ato de atentar contra a própria vida acontece *pari passu* à emergência da consciência. No desenvolvimento das culturas, o suicídio sempre foi tratado pelas doutrinas religiosas e pela filosofia.

---

### Ceres Víctora

Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

O artigo apresentado cumpre, no meu entender, dois importantes papéis: o primeiro é o de prestar uma homenagem aos cem anos da publicação do trabalho de Durkheim *O Suicídio: Um Estudo Sociológico*; e o segundo, colocar na pauta do dia a especificidade da metodologia de pesquisa em saúde.

Com relação ao primeiro, creio ser extremamente oportuna a homenagem, não apenas pelo fato de Durkheim ter encontrado no suicídio “*um exemplo suficientemente significativa para estabelecer a compreensão científica da sociologia como uma disciplina independente*”, como também porque sua obra estabelece as bases para as ciências sociais da saúde, ao legitimar o estudo de fenômeno aparentemente individual de origens psicológicas pelas Ciências Sociais. Assim, é significativo para nós, antropólogos e sociólogos, que trabalhamos com temas relacionados à saúde, que Durkheim torne-se conhecido não só como um dos fundadores da sociologia moderna, mas também como um dos fundadores do que se convencionou chamar de ciências sociais da saúde, que engloba desde a sociologia da saúde até a antropologia médica. Além disso, a atualidade deste clássico de Durkheim merece ser reconhecida, pois, um século após a sua publicação, levanta questões extremamente atuais como, por exemplo, o processo de individuação crescente da sociedade ocidental contemporânea e sua relação com as questões de saúde.

O segundo ponto, relativo à especificidade da metodologia de pesquisa em saúde, no entanto, é o que apresenta os maiores desafios. A própria controvérsia sobre a metodologia utilizada por Durkheim – criticada por epidemiologistas, pelas imprecisões estatísticas; por psiquiatras, pelas distorções da história das idéias psiquiátricas e por antropólogos, pela carência

de uma dimensão mais qualitativa que elucide os significados do suicídio – aponta fundamentalmente para o caráter multidisciplinar dos problemas de saúde. Pode-se dizer que, muito antes das críticas por parte de outras disciplinas, Durkheim, ao propor que o suicídio, até então considerado um problema da medicina e da psicologia, ou pelo menos relacionado a uma desordem mental, fosse considerado um problema de natureza social, já estabelece, desde o princípio, um diálogo com outras disciplinas. Mas, se por um lado, os fatores culturais, religiosos, de organização política, ambientais e biológicos são reconhecidamente integrantes das questões de saúde, sabemos que a sociologia, a psicologia, a ecologia, a antropologia, a epidemiologia, a biologia e a medicina diferem marcadamente no que se refere a pressupostos teóricos, o que conseqüentemente se reflete na metodologia de pesquisa utilizada – tipos de coleta de dados, procedimentos de sistematização e de análise de dados. Mesmo dentro de um texto considerado “*um exemplo de integração de teoria e dados*”, como este clássico de Durkheim, importa ressaltar que o tipo de dado que é coletado está sempre vinculado ao tipo de teoria na qual o pesquisador se baseia. Assim, não é de surpreender que, baseado no pressuposto de solidariedade social e na marcada preocupação com a conservação das sociedades, Durkheim calcule para o fenômeno suicídio um coeficiente de preservação. Isso é contrastante, por exemplo, com uma perspectiva mais médica ou psicológica que, em geral preocupada com patologias individuais, trabalha muito mais freqüentemente, dentro da Epidemiologia, com um coeficiente de risco.

É nesse sentido que se coloca no meu entender o maior desafio, ou seja, de que a pesquisa em saúde precisa ultrapassar o reconhecimento de que as questões de saúde são multidisciplinares, e apostar na sua especificidade. Para tanto precisa inovar em termos teóricos e metodológicos para, cada vez mais, abrir espaços para a interdisciplinaridade.